

A PEÇA EM DESTAQUE

ACERVO ARTÍSTICO-CULTURAL DOS PALÁCIOS
DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

CASSONE

Comitê de Pesquisa da Curadoria
do Acervo Artístico-Cultural dos Palácios
do Governo do Estado de São Paulo

São Paulo, 2012

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	07
INTRODUÇÃO	09
FICHA TÉCNICA	11
DESCRIÇÃO	12
IDENTIFICAÇÃO	13
ICONOGRAFIA E ICONOLOGIA	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25

APRESENTAÇÃO

Provenientes de diversas regiões do Brasil e do mundo, as coleções de arte do Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo tiveram distintas formas de origem e sinalizam a memória do colecionismo na sociedade paulista das primeiras décadas do século XX.

O projeto Peça em Destaque propõe um diálogo com o público e a divulgação desse importante patrimônio por meio da série Cadernos de Pesquisa, que pretende potencializar o acesso às coleções, apresentando nosso acervo museológico peça a peça. O conteúdo das páginas a seguir é fruto de estudo realizado pelos membros do Comitê de Pesquisa da Curadoria do Acervo dos Palácios, constituído em 2012.

A seleção das peças em destaque, dentre as obras e estilos artísticos que compõem este acervo, considera a opinião de visitantes e funcionários dos Palácios mediante votação periódica. Escolhida a peça, o Comitê analisa o objeto artístico em sua natureza, elementos formais e contexto histórico.

A Peça em Destaque oferece não apenas leituras históricas e estéticas das obras, mas também uma reflexão sobre os fatos e as políticas de aquisição e de preservação. Com os Cadernos de Pesquisa, a Curadoria do Acervo Artístico-Cultural dos Palácios continua a cumprir sua função de preservar o bem patrimonial público e torná-lo acessível a todos os interessados em partilhar dessa fruição.

Ana Cristina Carvalho
Curadora do Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo

INTRODUÇÃO

Esta publicação inaugura o projeto Peça em Destaque, iniciativa que visa investigar o Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo a partir de pesquisas sobre suas obras. Buscando ampliar o conhecimento e valorizar o patrimônio público, a Curadoria tenciona a atualização e o aprofundamento das informações sobre estas coleções, que privilegiam a arte moderna brasileira na pintura, o barroco na imaginária e no mobiliário artístico e estilos ecléticos na louçaria, prataria, tapeçaria e objetos de adorno.

A metodologia adotada propõe, a partir da peça selecionada, o levantamento bibliográfico, a revisão histórica e a descrição iconográfica e iconológica¹. Nesta primeira edição, a peça em destaque é o *cassone* pertencente à coleção do Palácio dos Campos Elíseos.

No percurso desta pesquisa, o comitê da equipe da Curadoria do Acervo Artístico-Cultural realizou visitas técnicas a instituições museológicas que gentilmente disponibilizaram seus conhecimentos e acervos. Registramos nossos agradecimentos ao Museu da Casa Brasileira, à Fundação Ema Gordon Klabin, ao Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, à Biblioteca e Centro de Documentação do Museu de Arte de São Paulo e à Equipe Madeira do Instituto Florestal (vinculado à Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo), especialmente à Dr^a. Sandra Monteiro Borges Florsheim, à Dr^a. Julia Sonsin Oliveira e a Richard Kleiber Soares, pela avaliação técnica. Gostaríamos de manifestar também nossa gratidão à Prof.^a Dr.^a Elza Ajzenberg, da Universidade de São Paulo, pelo apoio à oficina de metodologia de pesquisa em arte, que muito somou ao nosso trabalho.

Ao compartilhar as descobertas acerca do *cassone* em destaque, esperamos promover o interesse e maior interação com os visitantes dos Palácios, motivando novos estudos e difundindo as artes decorativas.

Comitê de Pesquisa

¹ Com base nas diretrizes indicadas pela pesquisadora Ada Fernández Luco (2008), que propõe analisar o objeto em três níveis: pré-iconográfico (descrição física, identificando detalhes, atributos e formas), iconográfico (identificação dos temas e conceitos expressos, a fim de delimitar o universo em que está inserido) e iconológico (interpretação da imagem e sua relação com a cultura, religião, filosofia e história).

FICHA TÉCNICA

Denominação: *cassone* [arca]

Autor: anônimo

Data de produção: século XVI

Coleção: Palácio dos Campos Elíseos / Acervo Artístico-Cultural dos Palácios

Categoria: mobiliário

Técnica: entalhe e douramento

Material: madeira, folha de ouro, verniz e metal

Proveniência: Península Itálica [provável região da Toscana]



DESCRIÇÃO ²

O *cassone* tem formato retangular, com tampa de abertura superior que pode ser apoiada a uma trava lateral localizada à esquerda do observador. A tampa é lisa em quase toda a superfície, apresentando frisos em sua moldura, que se repetem na parte superior da caixa. Esta também apresenta entalhamento com motivos orgânicos e figuras humanas e animais, em baixo e alto relevos, dispostos na parte frontal e nas laterais. A base encontra-se apoiada em patas de animal. O interior da caixa não apresenta decoração. Não há inscrições ou marcas na peça.



² A descrição adotada segue a metodologia proposta pelo Centro de Documentação de Bens Patrimoniais vinculado ao Centro de Biblioteca, Arquivos e Museus do Governo do Chile. Disponível em: <<http://www.aatespanol.cl/taa/publico/portada.htm>>. Acesso em: 02 mar. 2012.

IDENTIFICAÇÃO

O termo mobiliário³ surgiu no século XIX para designar móveis em geral, considerando seus aspectos históricos, sociais, econômicos e artísticos. Tais peças documentam a evolução dos povos, os usos e costumes de cada época, incluindo a evolução socioeconômica e a hierarquia social e familiar, como definem Riviére e Reyniés (apud SOUSA, 2004, p. 13):

O Mobiliário é o conjunto de bens móveis de que dispõem, segundo situação respectiva, os ocupantes de um edifício, correspondendo ao seu modo de vida, à sua técnica e aos seus comportamentos sociais, ilustrando a sua linguagem, os seus costumes e a sua concepção do mundo.

O mobiliário pode ser classificado em civil e religioso, considerando a existência, desde a Antiguidade, de peças que adornavam templos, igrejas e residências. As características estilísticas e utilitárias, de grande diversidade, remontam ao Antigo Egito e se estendem até a contemporaneidade.

Segundo a classificação de Canti (1980) e Sousa (2004), é agrupado em tipologias:

- a) Móvel de guarda: arca, caixa, contador, armário, cômoda, etc.
- b) Móvel de descanso ou assento: trono, banco, cadeira, etc.
- c) Móvel de repouso: catre, leito, preguiceiro, etc.
- d) Móvel de utilidade: mesa, bufete, credência, aparador, etc.

³ Convém distinguir os termos mobiliário e móvel, ambos identificados na bibliografia referenciada, este último designando “qualquer peça destinada a equipar uma casa, feita na medida do homem e capaz de proporcionar-lhe bem-estar e postura adequada no convívio, no repouso e no trabalho” (MOUTINHO, 2011, p. 301). Como cita Havard, “até ao fim do século XVI tudo era móvel e a sua aceção era tão lata, que chegava a ir até às jóias e pratas, pois transportava-se tudo o que se tinha de precioso” (apud SOUSA, 2004, p. 13).

O *cassone* está inserido na tipologia de móvel de guarda. Derivado da palavra italiana *cassa*, do latim *câpsa*, que significa caixa, o termo pode ser definido como “peça de mobiliário em forma de caixa, ricamente decorado, frequentemente utilizado na Idade Média e no Renascimento e usado inicialmente como baú, armário, cofre, assento, leito”⁴. Entretanto, apesar da existência dessa peça no período medieval, o termo remonta à Renascença Italiana como denominação da arca palaciana, ricamente trabalhada em relevos e pinturas e da qual derivam diversas outras peças, a exemplo da cômoda e do armário.

O formato retangular do *cassone* é inspirado nos sarcófagos da Roma Antiga, sendo os primeiros modelos simples, feitos a partir de troncos de árvores, resistentes e funcionais. A partir do século XIII, passou a ser confeccionado com tábuas de madeira pregadas em conjunto e reforçadas com faixas de ferro. No século XV, as tábuas passaram a ser unidas em um sistema de encaixe.

Devido aos frequentes deslocamentos – muito comuns na Idade Média –, o *cassone* acompanhava seu proprietário, que nele depositava todos os bens e até alimentos. Por questões de segurança, alguns tinham fechaduras resistentes e reforços em ferro forjado, que também se tornavam elementos decorativos. Quando apresentava grandes dimensões, era possível adaptá-lo a leito – combinado ou não a outro *cassone* –, sobre o qual se estendiam colchões, tecidos e almofadas. Sobre a tampa, podia-se também sentar, fazer refeições e escrever.

O *cassone* pode ser sustentado por pés, por uma base plana, por motivos arquitetônicos, ou ainda por patas de leão, estas frequentemente observadas em peças renascentistas. As técnicas geralmente empregadas eram o entalhe, a marchetaria, o douramento e a policromia. Alguns eram ornamentados a *pastiglia*, isto é, com relevos moldados em gesso e posteriormente pintados e dourados.

A princípio, pouca decoração ornava a estrutura produzida com madeira de carvalho. Entretanto, a nogueira também aparece com grande frequência; mais macia e com veios mais finos, mostrou-se adequada à execução de entalhes. Na marchetaria, também eram utilizadas madeiras exóticas, como o ébano e o pau-santo, apreciados pelo acabamento que proporcionavam às superfícies. Em peças policromadas ou estucadas, também eram utilizados o pinho e o cedro. Outras madeiras de qualidade inferior eram utilizadas na estrutura da peça e chapeadas em sua face externa com outras mais nobres.

⁴ Tradução livre de “*Mobile a forma di cassa spesso riccamente decorato, assai diffuso nel medioevo e nel rinascimento e usato nei primi tempi come baule, armadio, cassaforte, sedile, letto*”. In: ZINGARELLI. *Il Nuovo Zingarelli: Vocabolario della lingua italiana*. Bologna: Zanichelli, 1986, p. 319.

A iconografia varia conforme a época e o centro de produção. Querubins, cariátides, máscaras, motivos geométricos e/ou vegetais, cenas de batalha e alegóricas, brasões e medalhões se alternam na superfície. Muitos apresentam cenas mitológicas, de caçadas ou temas amorosos. Em Florença, por exemplo, era comum decorar o exterior do *cassone* com cenas românticas, mitológicas ou bíblicas; posteriormente, predominaram os desenhos abstratos. O interior da tampa era decorado eventualmente.

A Itália renascentista encontrava-se em condições particularmente favoráveis à produção artística: o comércio iniciado na Idade Média intensificava-se do Oriente à Europa Central; as oficinas, especialmente as têxteis, desenvolviam-se cada vez mais; as cortes competiam por poder e opulência, cultivando um frutífero mecenato, e a inspiração clássica contribuía com a sensibilidade e o aprimoramento técnico dos artesãos.

A nobreza e os mecenas viabilizaram meios para atingir o esplendor nas construções e no mobiliário, Florença sendo um dos maiores exemplos. No Renascimento, o luxo das habitações não significava ostentação, mas contribuía e reforçava a estética vigente.

Na primeira metade do século XV, as formas do mobiliário florentino acompanharam a renovação arquitetônica promovida por Brunelleschi⁵. A relação entre ambos fica ainda mais próxima e evidente do que no passado, já que está em causa a estrutura intrínseca do mobiliário, a proporção e a harmonia de suas partes. Mais do que elementos decorativos, essas peças apresentam-se como verdadeiras arquiteturas em pequenas dimensões. Sob esse aspecto, destacam-se os *cassoni* nupciais, ricamente decorados com pinturas a óleo, frisos e entalhes. Sua ornamentação luxuosa harmonizava-se à tapeçaria e à decoração mural de alguns recintos.

A decoração do *cassone* chegou a atingir grande requinte, o que pode ter causado seu posterior desmembramento e sua exposição como pinturas individuais em museus. Quando a decoração era alusiva ao tema amoroso ou apresentava brasões das famílias que se uniam em casamento, o *cassone* destinava-se a guardar o enxoval da noiva ou do casal, muitas vezes sendo confeccionado em pares. Alguns traziam cenas eróticas no interior, a serem contempladas com privacidade pelos noivos.

O *cassone* nupcial era peça integrante do quarto do casal, como retratado na *Vênus de Urbino* de Ticiano, um dos artistas mais requisitados pela nobreza italiana renascentista.

⁵ O escultor e arquiteto Filippo Brunelleschi deu nova forma à arquitetura italiana, sendo considerado um dos grandes artistas do Renascimento.



Vênus de Urbino (visão frontal e detalhe), Ticiano, 1538. Fonte: Google Art Project. Disponível em: <<http://www.googleartproject.com/collection/uffizi-gallery/artwork/venus-of-urbino-tiziano-vecellio/324480/#details>>. Acesso em: 27 jun. 2012.

Convém observar que a pintura de Ticiano foi encomendada por Guidobaldo II della Rovere, Duque de Urbino, para comemorar seu casamento com Giulia da Varano (HAGEN, 2003, p. 141), cujo escudo familiar foi identificado no *cassone* da coleção do Palácio dos Campos Elíseos.

Como os armários ainda não tinham entrado em uso na Renascença, as roupas eram mantidas em caixas. A depender da situação econômica dos proprietários, por vezes os *cassoni* apresentavam ornamentos em marchetaria, douramentos e encostos também decorados. Com a adição de um dorsal, de dois braços e de uma base – sobre a qual se apoiavam os pés –, o *cassone* transforma-se em *cassapanca*, que servia como móvel de guarda e de repouso, muitas vezes disposto nas entradas das casas⁶.

As obras primas do Renascimento Italiano, sobretudo de origens toscana, romana e veneziana, inspiraram a produção da peça em outras regiões da Europa. Francioni, Giuliano e Benedetto da Maiano, Baccio Pontelli, La Cecca, Giuliano e Antonio da Sangallo, Baccio d'Agnolo e Dal Tasso são considerados os principais mestres da madeira do período.

⁶ Tradução livre de ZINGARELLI, 1986, p. 318.

ICONOGRAFIA E ICONOLOGIA

Por ocasião da exposição *Anjos e Santos: Arte Sacra nas Coleções dos Palácios*, realizada no Palácio do Horto em 2009, o curador Percival Tirapeli identificou uma reprodução semelhante ao *cassone* registrada no livro *Il mobilio: gli ambienti e le decorazioni del Rinascimento in Italia – Secoli XV e XVI*, p. 89, de Augusto Pedrini. No mesmo ano, a pesquisadora Elza Ajzenberg descreveu e analisou a iconografia presente na referida peça, no catálogo *Acervo Artístico dos Palácios: Panorama das Coleções* (2009, p. 42-43):

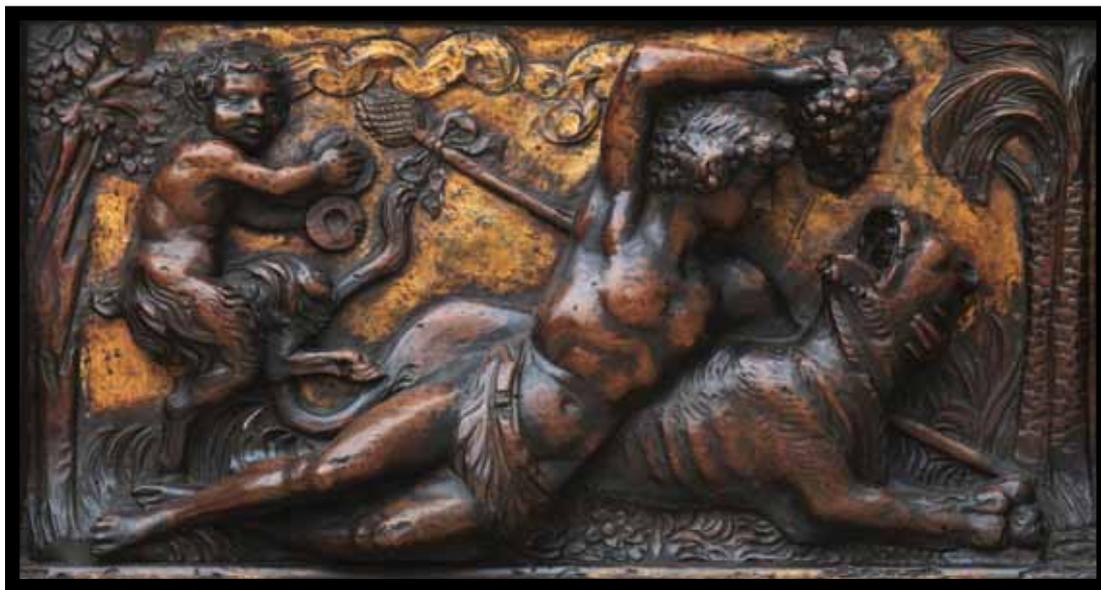
Três divisões na parte frontal mostram duas cenas mitológicas – Dionísio, à esquerda, com um leopardo, sorve o líquido das uvas oferecido pelo deus em êxtase, observado por um sátiro que tange címbalos. Duas tamareiras e o tirso (bastão terminando em forma de pinha) desse deus da alegria fazem fundo para a composição. Afrodite, sobre um monstro ou cavalo-marinho com cabeça de bode, acarícia sua barba. Acima da composição, Eros enverga o arco com a seta do amor.

Ajzenberg ainda salienta (p. 43):

(...) há a colocação de símbolos com certa liberdade (de um lado, Dionísio, deus do vinho, do êxtase e das celebrações teatrais; do outro lado, em vez de ménades dançantes, é colocada Afrodite, deusa da beleza e do amor). As formas movimentadas, diagonais, dessas figuras, os cupidos em passo de dança, vestígios de pigmento dourado, remetem a um tratamento mais livre dos elementos compositivos.

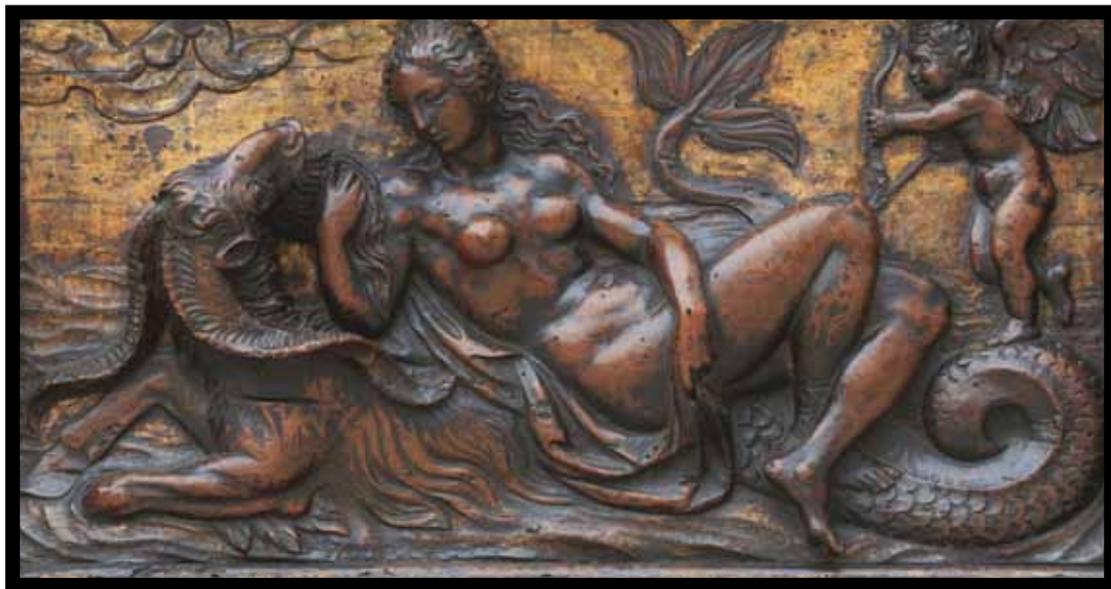
Seguindo o olhar de Ajzenberg e sua analogia com a mitologia greco-romana, é possível realizar uma leitura mais detalhada das cenas, relacionando-as entre si. No painel à esquerda do observador (reproduzido abaixo), a figura do fauno é representada por um personagem híbrido – metade humano, metade cabra – alusivo ao semi-deus Pã, parceiro de Dionísio, retratado pela figura humana que oferece uvas ao felino.

O deus é apresentado no centro da cena, trazendo seus símbolos: a coroa de hera – que simboliza a abundância vegetal e a sensualidade –, o tirso – representação da dualidade humana – e o cacho de uva – provavelmente relacionado à fecundidade natural (MENARD, 1991, p. 107).

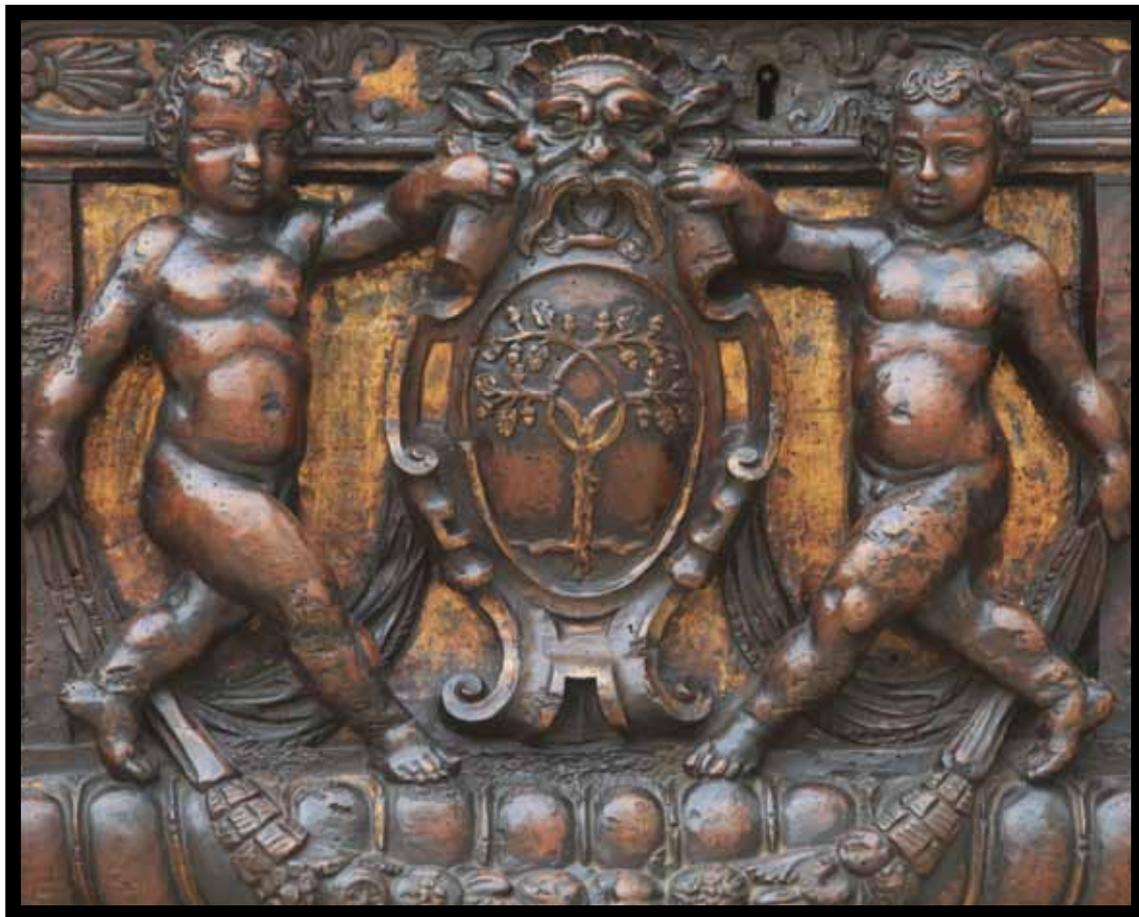


Na cena à direita do observador (figura abaixo), Afrodite, representada pela figura humana feminina, aparece deitada sobre um animal híbrido – metade cabra (sugerido pelas patas e chifres), metade ser marinho (sugerido pela cauda escamada). Segundo o mito de Pã, Zeus o teria homenageado na constelação de Capricórnio, que, na simbologia astrológica, aparece muitas vezes representado como um animal híbrido correspondente a essa descrição. Ainda nesta composição, Eros prepara-se para lançar a flecha do amor.

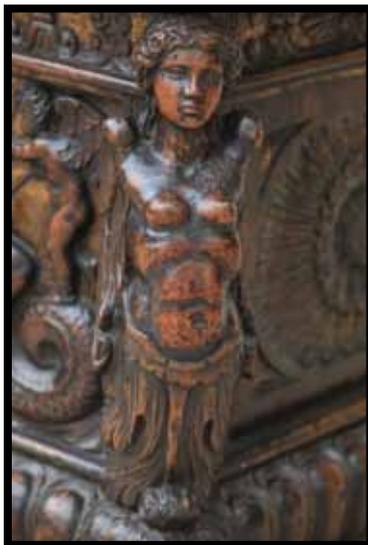
Esta cena poderia integrar uma narrativa iniciada no painel da esquerda, uma vez que a simbologia de Pã é sugerida em ambas.



No painel central, dois meninos nus ou *putti* – personagens clássicos resgatados no Renascimento – seguram um *stemma* – escudo relacionado à nobreza – encimado por uma figura grotesca. O escudo é sugestivo da família Della Rovere, que teria habitado as regiões de Toscana e Úmbria, na Itália.



Em cada interseção lateral com a parte frontal, aparece um dorso feminino alado alusivo às harpias, seres mitológicos frequentemente representados em outros *cassoni* da mesma época.



Frisos em motivos orgânicos emolduram a tampa e a caixa, além de uma guirlanda na posição centro-inferior.



Cada lateral do *cassone* é decorada com uma rosácea, observada em outras peças de mobiliário e na arquitetura do Renascimento. Ao centro de cada rosácea, verifica-se uma cruz grega.



O *cassone* encontra-se apoiado em quatro patas (sugestivas de leão) – detalhe também recorrente em peças similares do período –, sendo as dianteiras completas e as traseiras meias-patas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da informação contida no catálogo *Acervo Artístico dos Palácios: Panorama das Coleções*, p. 42, de que o *cassone* da coleção do Palácio dos Campos Elíseos faria um par com uma peça registrada no livro de Augusto Pedrini, o Comitê de Pesquisa empenhou-se em resgatar o referido material e inseri-lo neste estudo. Entretanto, não foi possível confirmar esse fato. Poderia tratar-se do mesmo objeto ou, ainda, de uma réplica, já que não há informações suficientes sobre a peça registrada por Pedrini, apenas a imagem, a respectiva legenda e a informação de que pertenceria a uma coleção particular.



Cassone do século XVI, Toscana. Baco e a pantera; Vênus sobre um cavalo-marinho. Fonte: adaptado de PEDRINI, 1950, p. 89, figura 230.

Convém observar que, apesar das tampas dos *cassoni* apresentarem diferenças no formato, verifica-se a possibilidade de ter havido subtração de elementos, ou ainda a substituição da cobertura original da peça do Palácio dos Campos Elíseos.



Segundo laudo técnico realizado pelo Instituto Florestal de São Paulo, o cassone da coleção do Palácio dos Campos Elíseos apresenta diferentes tipos de madeira, o que poderia confirmar a hipótese da substituição de elementos. A madeira do painel frontal da peça, onde está a maior parte do entalhe, foi identificada como sendo nogueira; nas laterais, canela; e na tampa, cedro.

Assim como o Comitê de Pesquisa reuniu informações de pesquisadores e curadores para esta publicação, espera-se que a mesma incentive outros questionamentos e descobertas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AJZENBERG, Elza. Tesouros renascentistas e maneiristas: séculos XV e XVI. In: CARVALHO, Ana Cristina (org). **Acervo Artístico dos Palácios: Panorama das Coleções**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

BRUNT, Andrew. **Guia dos estilos de mobiliário**. Coleção Habitat. Lisboa: Editora Proença, 1990.

BURKE, Peter. **O Renascimento Italiano: cultura e sociedade na Itália**. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

CANTI, Tilde. **O Móvel no Brasil: origens, evolução e características**. Rio de Janeiro: Candido Guinle de Paula Machado, 1980.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 24ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

CORREIA, Victor Manuel E. Duarte. **A utilização da madeira na manufactura do mobiliário**. 2001. Trabalho de conclusão de curso de Conservação e Restauro de Mobiliário. Instituto de Artes e Ofícios, Universidade Autónoma de Lisboa. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/64000071/A-utilizacao-da-madeira-na-manufactura-do-mobiliario>>. Acesso em: 25 maio 2012.

CURADORIA DO ACERVO ARTÍSTICO-CULTURAL DOS PALÁCIOS DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Anjos e Santos: Arte Sacra nas Coleções dos Palácios**. Folder. São Paulo: Governo de São Paulo, 2009.

CURADORIA DO ACERVO ARTÍSTICO-CULTURAL DOS PALÁCIOS DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Gerenciamento Eletrônico de Obras de Arte – GEOA**. São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.acervoartístico.sp.gov.br/>>. Acesso em: 28 maio 2012.

UCHER, Robert. **Caractéristique des styles**. Paris: Éditions Flammarion, 1998.

FARTHING, Stephen. **Tudo sobre arte: os movimentos e as obras mais importantes de todos os tempos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

FLORSHEIM, Sandra Monteiro Borges. **Lauda técnico**. Mensagem recebida por <franciscodesa@sp.gov.br> em 06 jun. 2012.

FORREST, Tim. **The Bulfinch Anatomy of Antique Furniture: An Illustrated Guide to Identifying Period, Detail, and Design.** London: Bulfinch Press, 1996.

GOMBRICH, Ernst Hans. **A História da Arte.** Rio de Janeiro: Editora LTC, 1999.

GRIPPIOLO, Adriana; SCAGLIOTTI, Miranda. **Mobili antichi nella casa di oggi.** Milano: Rizzoli Editore, 1967.

HAGEN, Rose-Marie & Rainer. **What Great Paintings Say.** Volume I. Koln: Taschen, 2003.

JANSON, Horst Woldemar. **História Geral da Arte: Renascimento e Barroco.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JANSON, Horst Woldemar; JANSON, Anthony F. **Iniciação à História da Arte.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LUCO, Ada Fernández. **Manual de registro y documentación de bienes culturales.** Santiago: Andros Impresores, 2008.

MOUTINHO, Stella Rodrigo Octavio; PRADO, Rúbia Braz Bueno do; LONDRES, Ruth Rodrigo Octavio. **Dicionário de artes decorativas & decoração de interiores.** Nova edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais.** 2ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

PEDRINI, Augusto. **Il mobilio: gli ambienti e le decorazioni del Rinascimento in Italia – Secoli XV e XVI.** Firenze: Azienda Libreria Editoriale Fiorentina, 1948.

SANTOS, José de Almeida. **O mobiliário artístico brasileiro.** Coleção Museu Paulista. São Paulo: 1944.

SOUSA, Maria da Conceição Borges de; BASTOS, Celina. **Normas de Inventário: Mobiliário.** Instituto Português de Museus. Lisboa: IPM, 2004. Disponível em: <http://www.ipmuseus.pt/pt+PT/recursos/publicacoes/edicoes_online/pub_online_normas/ContentDetail.aspx>. Acesso em: maio 2012.

TINTI, Mario. **Il mobilio fiorentino.** Milano/Roma: Casa Editrice D'Arte Bestetti e Tumminelli, s.d.

VASARI, Giorgio. **Vidas dos artistas.** Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

ZINGARELLI, Nicola. **Il Nuovo Zingarelli: Vocabolario della lingua italiana.** 11ª edição. Bologna: Zanichelli, 1986.

CURADORIA DO ACERVO ARTÍSTICO-CULTURAL DOS PALÁCIOS DO GOVERNO

Ana Cristina Carvalho
Curadora

CONSELHO DE ORIENTAÇÃO

Sidney Beraldo
Presidente

João Germano Böttcher Filho
José Eduardo de Barros Poyares
Nelson Essaki

CONSELHO CONSULTIVO

Ana Cristina Carvalho
Presidente

Aracy Abreu Amaral
Celso Lafer
Elza Maria Ajzenberg
Heloisa Maria Silveira Barbuy
Marcelo Mattos Araújo
Maria Alice Milliet
Maria Cristina Oliveira Bruno
Pedro Taddei Neto
Percival Tirapeli
Rodolfo Nanni
Rubens Barbosa

Assistência à Curadoria

Alessandra Godano Chidiquimo
Gustavo Brognara

Coordenação Administrativa

Francisco de Sá Neto

Coordenação das Coleções dos Palácios

Nalú Maria de Medeiros
Gabriela Bidigarai Diehl
Luciano Ubirajara Cortabitart Ruas
Rafael Celidônio Musto Rodrigues

Produção, Expografia e Montagem

Alessandra Godano Chidiquimo
Adriano Ribeiro dos Santos
Alexandre Klemenc
Sueli Lemos Fernandes

Programa Patrimônio em Rede

Francisco de Sá Neto
Juliana Rodrigues Alves
Karin Magnavita de Carvalho

Tradução e Revisão de Texto

Gabriela Saraiva Malheiros

Assessoria de Imprensa

Levino Ponciano

Administrativo

Francisco de Sá Neto
Marilena de Paiva Yokoyama
Paula de Campos Moreira Araújo
Sybil Souza Pinto

Gestão da Informação e Documentação

Juliana Rodrigues Alves
Rita de Cássia de Moraes Bloisi
Sueli da Fonseca

Museologia

Maria Augusta Barradas Barata

Conservação e Restauro

Adriana Pires
Gilberto Liberato
Tatiana Hermann

Comunicação Visual

Calil Habib
Vinicius Acácio Di Sessa Carvalho

Difusão e Eventos

Cheryl Christine Starr
Karine Vinhaes Paschoalin

Educativo

Abigail Alexandre Brum
Georgia Nunes Seródio Borges
Glauca Santiago
Isaura Maria Ribeiro Bonavita
Karina Yamasaki de Campos
Luciana Aparecida Ângelo Honório de Souza
Maria Clotilde Lemos Yokoi
Maria Francisca da Cunha
Maridalva Aparecida Arakaki
Raquel Elena Ruiz
Sílvia Araujo Machado
Valéria Félix da Silva
Vinícius Cavalca Nogueira

Estagiários

Bruno Augusto Ramos
Julia Caroline Brandão Camilo Rezende
Paulo Henrique Pereira
Tatiane de Jesus Sampaio

Recepcionistas

Carolina Carvalho Silva
Marcelo Silveira Marcolino
Rafael de Oliveira Silva
Sirlene Silveira
William Henrique Moura Correa

COMITÊ DE PESQUISA DA CURADORIA

Orientação

Ana Cristina Carvalho

Pesquisa

Francisco de Sá Neto

Gustavo Brognara

Isaura Maria Ribeiro Bonavita

Juliana Rodrigues Alves

Karin Magnavita de Carvalho

Luciano Ubirajara Cortabitart Ruas

Raquel Elena Ruiz

CADERNO DE PESQUISA – VOLUME I

Projeto Gráfico

Calil Habib

Gustavo Brognara

Vinícius Acácio de Sessa Carvalho

Fotografias

José Luís da Conceição – A2 Fotografia

Revisão de Texto

Gabriela Saraiva Malheiros

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Geraldo Alckmin

Governador do Estado de São Paulo

Sidney Beraldo

Secretário-Chefe da Casa Civil

José do Carmo Mendes Júnior

Secretário Adjunto da Casa Civil

Ana Cristina Carvalho

Curadora do Acervo Artístico-Cultural dos Palácios

